

**OVÍDIO:
UM HINO À DEUSA VÊNUS
SEGUNDO O 4º LIVRO DOS FASTOS**

Eliana da Cunha Lopes (FGS)
elianalatim@yahoo.com.br

Ovídio é um impressionista. Ninguém com ele soube se servir dos recursos pictóricos para potencializar o conteúdo de um vocábulo ou a disposição dos termos, arrancados, com pura arte, os mais inesperados efeitos de luz e sombra. Ovídio é inigualável na entonação e elocução da variada gama de efeitos rítmicos; é um simbolista preso aos encantos do som...

Devemos reconhecer que Ovídio é o insuperável virtuoso da forma e o mais genial narrador da Antiguidade. (Pietro Nasseti, 2000, p. 20)

1. Introdução

Neste artigo, abordaremos através do texto original da obra ovidiana, o rumor da linguagem lírico-poética latina utilizada pelo poeta ao cantar a superioridade da deusa Vênus, mãe criadora de todas as espécies de seres e criadora de todos os deuses (v. 95). O trabalho se fixará entre os versos 91-132 do 4º livro dos *Fastos*, retirado da obra OVIDE. *Les Fastes* traduits par Émile Ripert, Paris, Librairie Garnier Frères, s/d. A nossa tradução será elaborada dentro de critérios que respeitem, o mais perto possível, a linguagem lírico-poética utilizada pelo autor nos versos escolhidos como *corpus* deste artigo.

Esta obra constitui um calendário poético, em que são descritas as festas religiosas dos romanos, realizadas nos primeiros seis meses do ano: janeiro (dedicado a Jano), fevereiro (dedicado à purificação da Urbs), março (dedicado à deusa Maia e à memória dos antepassados) e junho (dedicado a Juno).

2. O 4º livro dos Fastos

O 4º livro dos *Fastos* ovidianos descreve o mês de abril (*aprilis*, -is s.m- abril), o quarto mês do ano romano, no período clássico da literatura latina, época do poeta Ovídio. Primitivamente, este era o segundo

mês no calendário romano antes da introdução dos meses de janeiro e fevereiro. No mês de abril todo o *orbis*, no hemisfério norte, desabrocha em mil cores. É a chegada da Primavera e o momento propício para que se cultue a deusa Vênus, divindade protetora da vegetação e dos jardins (GRIMAL, 2000, p. 446). Nenhuma estação era mais adequada que a primavera à deusa Vênus (v. 125). Nesta época o *orbis*, no hemisfério norte, está livre de todos os elementos negativos como ventos fortes, nuvens, geadas... , todo o hemisfério reluz, há a pacificação do céu e das ondas; e a terra divinizada esmalta-se de flores (v. 126). A tranquilidade do mar coaduna com a deusa nascida das ondas natalícias (v. 93) do oceano, vestida com manto repleto de estrelas. O nascimento de Vênus foi retratado séculos depois (1485) pelo pintor Sandro Botticelli. O mês de abril dedicado à deusa Vênus surge após o mês de março dedicado ao deus Marte (v. 130). Para os gregos, esta deusa é conhecida como Afrodite, romanizada no século II a.C. No Olimpo, sua sensualidade exercia fascínio e paixões sobre os deuses, principalmente sobre Marte, do qual se tornou amante, embora fosse esposa de Vulcano, conforme leremos mais adiante. Para Vênus, o doce amor (*levis...amor*) supera qualquer adversidade (v. 100).

3. Análise do hino a Vênus

O hino cantado pelo poeta em homenagem à deusa Vênus do verso 91 ao verso 132, *corpus* deste trabalho, inicia-se com o pronome demonstrativo latino, feminino, singular *Illa* (v. 91, 92) de terceira pessoa, empregado nestes versos, para ressaltar que a deusa está afastada das duas primeiras pessoas do discurso por ser a mais digna de todas as deusas (v. 91). Ela governa todo o mundo do seu reino que não é menor que o de nenhum deus. Esta anáfora (do pronome *illa*) se repete nos versos 95.96 e 97. Os adjetivos empregados para descrever a deusa trazem uma carga afetiva que, sem dúvida, a coloca em destaque, tanto nos versos elaborados pelo poeta, quanto nos poderes os quais ela exerce sobre os deuses, sobre o reino vegetal e o reino animal. Inúmeros recursos linguísticos são utilizados pelo poeta para ressaltar todos os poderes da deusa: v. 1 *dig-nissima*, v. 94 *omne genus*, v. 117 *potens, aucta*, v. 129 *formosa*, v. 129 *digna*, v. 120 *teneram... manus*.

A deusa Vênus possui o maior privilégio na Urbe (v. 118). Vênus é a conselheira dos romanos, quando lhes diz que sigam, sem receio, com seus navios curvos (v. 131) através das águas maternas, pois a deusa nas-

ceu da espuma do mar e da arrebentação das ondas (v. 93 *natilibus... undis*). Vênus é a mãe dos romanos, é sua divindade tutelar. O poeta lembra-lhes que a deusa, ao empunhar suas armas em Troia, em defesa de seu filho Eneias, o fundador da nacionalidade romana, foi ferida (v. 120 *laesa*) em sua delicada mão (v. 119).

Segundo Ovídio, enquanto poeta elegíaco, sabemos como nasceu a poesia amorosa (v. 107-1114). O primeiro amante compôs um poema feito na vigília da noite recusada junto à porta trancada o qual deveria abrandar sua amada. Com este gesto do amante, nasce a poesia amorosa. No verso 109, o poeta elegíaco lança mão da hipálage pois, verdadeiramente, quem foi recusado não foi a noite e sim o amante.

Há de se destacar também os verbos que compõem os recursos estilísticos do poema, ao ressaltarem os poderes infinitos da deusa Vênus: v. 91 *temperat*, v. 92 *tenet*, v. 93 *dat*, v. 94 *continet*, v. 96 *dedit*, v. 95 *creauit*, v. 97 *contraxit*, v. 98 *docuit*. Os poderes divinos de Vênus abarcam o que há sobre e sob o mar (v. 105-6). No verso 114, através da antítese, o poeta nos relata outro poder da força da deusa: outrora muitas coisas (*multa*) permaneciam escondidas (*latuere*), mas agora foram descobertas (*reperta*). Trata-se, na verdade, dos artifícios da conquista amorosa, inspirados pela deusa.

O poeta nos versos 120-130 refere-se ao fato de que a deusa Vênus era amante do deus Marte, embora fosse casada com o deus Vulcano que a desposou por ordem de Júpiter.

Nos v. 123-4, o poeta alude ao quadro genealógico dos deuses. Vênus foi denominada nora de Assáraco, rei troiano, filho de Tros, o qual era pai de Cápis e avô de Anquises. Este troiano uniu-se à deusa Vênus. Desta união, nasceu Eneias, pai de Iulo (v. 124) que veio dar origem a *Gens Iulia*, família aristocrática romana da qual Caio Júlio Cesar (v. 124 *magnus... Caesar*) e seu filho adotivo Augusto se julgavam descendentes. A partir desta tradição, os dois governantes ilustres ligavam sua linhagem aos deuses olímpicos.

Nos v. 103-4, o poeta nos mostra a mudança de atitude, através da antítese, do animal feroz (*taurus*) diante da novilha, sua preferida. O animal abandona sua ferocidade para seguir sua amada. Através da hipérbole (v. 104) este mesmo touro, ora dócil, por causa do doce amor, (v. 100 *levis ... amor*) antes fazia tremer todas as florestas (v. 104 *saltus*) e todo o bosque sagrado (v. 104 *nemus*).

O poeta Ovídio, ao dedicar este hino a Vênus, deixa registrado no 4º livro dos *Fastos*, v. 91-132 a importância desta deusa para os romanos. Ela é a mais digna das divindades cultuadas pelos romanos; ela governa todo o mundo através de suas leis; preside toda a geração dos seres; é a divindade tutelar de Roma. Criou todos os deuses, ensinou aos homens unir-se com suas esposas; criou as aves, as plantas enfim, todos o reino animal, vegetal e, uma infinidade de deuses, sendo impossível enumerá-los todos. O amor não existiria sem o seu comando. Para os romanos, a dádiva maior oriunda desta deusa é o fato de que sua união com Anquises possibilitou que, através de seu neto Iulo, os membros da *Gens Iulia* se considerassem descendentes dos deuses olímpicos.

4. *Texto latino*

- 91 *Ille quidem totum dignissima temperat orbem,
Ille tenet nullo regna minora deo,
Iuraque dat caelo, terrae, natalibus undis,
Perque suos initus continet omne genus.*
- 95 *Ille deos omnes longum est numerare creavit,
Ille satis causas arboribusque dedit,
Ille rudes animos hominum contraxit in unum,
Et docuit iungi cum pare quemque sua.
Quid genus omne creat uolucrum, nisi blanda uoluptas?*
- 100 *Nec coeant pecudes, si leuis absit amor,
Cum mare trux aries cornu decertat, at idem
Frontem dilectae laedere parcit ouis;
Deposita sequitur taurus feritate iuuenam,
Quem toti saltus, quem nemus omne tremitt;*
- 105 *Uis eadem lato quodcumque sub aequore uiuit
Seruat, et innumeris piscibus implet aquas.
Prima feros habitus homini detraxit: ab illa
Venerunt cultus mundaque cura sui.
Primus amans carmen uigilatum nocte negata*
- 110 *Dicitur ad clausas concinuisse fores,
Eloquiumque fuit duram exorare puellam,
Proque sua causa quisque disertus erat.
Mille per hanc artes motae; studioque placendi,
Quae latuere prius, multa reperta ferunt.*
- 115 *Hanc quisquam titulo mensis spoliare secundi
Audeat? A nobis sit furor iste procul.
Quid quod ubique potens templisque frequentibus aucta,
Urbe tamen nostra ius dea maius habet?
Pro Troia, Romane, tua Uenus arma ferebat,*
- 120 *Cum gemuit teneram cuspide laesa manum;
Caelestesque duas Troiano iudice uicit
Ah nolim uictas hoc meminisse deas,*

Assaracique nurus dicta est, ut scilicet olim
Magnus Iuleos Caesar haberet auos.

- 125 Nec Veneri tempus, quam uer, erat aptius ullum
Vere nitent terrae, uere remissus ager;
Nunc herbae rupta tellure cacumina tollunt,
Nunc tumido gemmas cortice palmes agit,
Et formosa Uenus formoso tempore digna est.
- 130 Utque solet, Marti continuata suo est.

Uere monet curuas materna per aequora puppes
Ire nec hibernas iam timuisse minas.

5. Tradução

Na verdade, Vênus, a mais digna de todas as deusas, governa todo o mundo. Ela possui um reino que não é menor que o de nenhum deus. Ela dá as leis ao céu, às terras e às ondas natalícias e, por seus impulsos, preside toda a geração de seres. Vênus criou todos os deuses. É longo enumerá-los. Ela deu origem às plantas e às árvores. Reuniu os ânimos rudes dos homens num só sentimento. Ensinou cada homem a unir-se com sua esposa. A não ser o agradável prazer, o que cria todas as espécies das aves? Não se juntariam os rebanhos, se o doce amor ficasse ausente. O feroz carneiro luta contra outro carneiro com os chifres, mas ele mesmo evita ferir a fronte da ovelha preferida. Abandonando sua ferocidade, o touro que faz tremer todas as florestas e todo o bosque sagrado, segue a novilha. A mesma força de Vênus conserva tudo aquilo que vive sob o imenso mar e enche as águas com inúmeros peixes. A mesma força divina pela primeira vez retirou do homem os seus hábitos ferozes. A beleza e os cuidados da elegância vieram de Vênus. Conta-se que o primeiro amante compôs um poema feito na vigília numa noite recusada junto à porta fechada. E esse poema deveria abrandar a sua amada insensível e cada um era eloquente em defesa de sua causa. Por esta força, mil artimanhas foram criadas e no empenho de agradar a pessoa amada foram descobertas muitas coisas que antes permaneciam escondidas. Quem ousaria destituí-la da tutela desse mês favorável? Que esta loucura esteja longe de nós. Por quê? Porque em toda parte a deusa Vênus é poderosa, homenageada com numerosos templos. Todavia a deusa Vênus possui o maior privilégio em nossa cidade. Ó Romano, a deusa Vênus empunhava suas armas por tua Troia, quando gemeu, ferida em sua delicada mão. Ela venceu duas deusas celestes graças ao julgamento de um troiano. Ah! Eu não gostaria que as deusas vencidas se lembrassem deste fato! Vênus foi denominada nora de Assáraco para que, sem dúvida, um dia o grandioso Júlio César tivesse antepassados descendentes de Iulo. Nenhuma estação era mais adequada que a primavera à deusa Vênus. A terra esmalta-se de flores na primavera. O campo renasce na primavera. Agora, rompendo a Terra as plantas erguem seus talos. Agora, a videira produz brotos sobre a casca intumescida. A bela Vênus é digna desta estação florida. Como é de costume, Vênus está unida ao seu querido Marte. Na primavera, Vênus aconselha que os navios curvos sigam através das águas maternas e que não receiem as ameaças do inverno.

6. Conclusão

A obra de Ovídio é a de um grande poeta. De um verdadeiro vate que influenciou com o rumor de sua linguagem lírico-poética latina artistas tão diversos quanto Dante, Chaucer, Milton e Shakespeare. Seus versos eivados de fatos, lendas, rituais existentes na Roma primitiva e, muitas das vezes, esquecidos ou ignorados pelos romanos dos séculos posteriores fizeram que sua obra *Fastos*, pertencente à segunda fase da carreira do poeta, escrita em dísticos elegíacos (hexâmetro e pentâmetro) se tornasse um marco na literatura clássica latina. Com sua obra o poeta sulmonense deixa registrado, com traços indeléveis, o nome de um gênio literário que viveu em Roma durante o século de Augusto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAILEY, Cyril. (Org.). *O legado de Roma*. Trad. de Mauro Papelbaum e Luiz Carlos Lucchetti Godim. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1992.

BAYET, Jean. *Littérature latine*. 10. ed. rev. corr. Paris: Armand Colin, 1962.

CARCOPINO, J. *Roma no apogeu do Império*. Trad. de H. Feist. São Paulo: Cia. das Letras/Círculo do Livro, 1990.

CARDOSO, Zélia de Almeida. Festas romanas: da época dos reis ao advento do Cristianismo. Palestra proferida no VI Congresso da SBEC. Rio de Janeiro, UFRJ, julho, 2005.

CORDEIRO, Renata. *O amor: receitas práticas e sábias*. São Paulo: Landy, 2006.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Literatura ocidental: autores e obras fundamentais*. São Paulo: Ática, 2007.

ELIADE, M. *História das crenças e das ideias religiosas*. Trad. R. C. Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. V. 1. Tomo 2.

FARIA Ernesto. *Fonética histórica do latim*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.

_____. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

GAFFIOT, F. *Dictionnaire latin-français*. Paris: Hachette, 1934.

GRANDAZZI, Alexandre. *As origens de Roma*. Trad. de Christiane Gradwohl Colas. São Paulo: UNESP, 2010.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. 4. ed. Trad. Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2000.

_____. *La littérature latine*. Paris: Fayard, 1994.

HERESCU, N. I. (Org.). *Ovidiana*; recherches sur Ovide publiées à l'occasion du bimillénaire de la naissance du poète. Paris: Belles Lettres, 1958.

KURY, Mário da Gama. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

LOPES, Eliana da Cunha. *Heroides XVI e XVII de Ovídio*: um hino de amor. Rio de Janeiro: UFRJ. Faculdade de Letras, 1993, 213 p. mimeo. Dissertação de mestrado em língua e literatura latina.

_____. *Anna Perenna*: as festas e os rituais dedicados à deusa. *Revista da Gama e Souza*. Vol. 1, nº 7 (jan./dez., 2007). Rio de Janeiro: FGS, 2007.

MAROUZEAU, J. *Traité de stylistique latine*. 5. tir. Paris: Belles Lettres, 1970.

MARTIN, René. *Dictionnaire culturel de la mythologie gréco-romaine*. Paris: Nathan, 1992.

MARTIN, René; GAILLARD, Jacques. *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Nathan, 1990.

NOVAK, Maria da Glória; NERI, Maria Luíza (Orgs.). *Poesia lírica latina*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

OVID. *Fasti*. With an English translation by James George Frazer. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

OVIDE. *Les fastes*. Traduit et annoté par Henri Le Bonniec. Paris: Les Belles Lettres, 1990.

_____. *Les fastes*. Traduction nouvelle par Èmile Ripert. Paris: Garnier, s/d.

OVÍDIO. *Cartas pônticas*. Introdução, tradução e notas de Geraldo José Albino. Revisão da tradução Zélia de Almeida Cardoso. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

_____. *A arte de amar*. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2003.

PARATORE, Ettore. *História da literatura latina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1987.

RIPERT, E. *Ovide, poète de l'amour, des dieux et de exil*. Paris: Armand Colin, 1921.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 11. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 2000.

VIARRE, Simone. *Ovide: Essai de lecture poétique*. Paris: Les Belles Lettres. 1976.

VIDEAU-DELIBES, Anne. *Les triste d'Ovide et l'élegie romaine*. Paris: Klincksieck, 1991.